

HERANÇAS PENUMBRISTAS NO POEMA *ÚLTIMA CANÇÃO DO BECO*, DE MANUEL BANDEIRA

(TWILIGHT HERITAGES IN THE POEM *ÚLTIMA CANÇÃO DO BECO*, BY MANUEL BANDEIRA)

Mariângela Alonso 1; Michelle Aranda Facchin 2

1 Docente do curso de Letras das Faculdades Integradas Fafibe- Bebedouro/SP,
Doutoranda em Estudos Literários pela UNESP-Fclar.
maryalons@ig.com.br

2 Docente e coordenadora do curso de Letras das Faculdades Integradas Fafibe-
Bebedouro/SP
Mestre em Estudos Literários pela UNESP-Fclar.
miafa@bol.com.br

Abstract. *This article aims to outline, in general terms, the heritage twilight aspects present in the poem *Última canção do Beco* by Manuel Bandeira. This text belongs to *Lira dos Cinquent'anos*, firstly published in 1940 and later recast in 1944. The Sixth collection of Manuel Bandeira, *Lira dos Cinquent'anos* has aesthetic quality and represents the densest part of the bandeiriana poetic. In summary, it is a kind of symmetry of the whole work by the author. This way, it is intended to bring to light the overall tone of twilight heritages in *Última canção do Beco*.*

Key-words. *Manuel Bandeira; Lira dos Cinquent'anos; Twilight.*

Resumo. *O presente artigo pretende esboçar, em linhas gerais, a herança de aspectos penumbristas, crepusculares presentes no poema *Última canção do Beco*, do poeta Manuel Bandeira. O referido texto pertence ao volume *Lira dos Cinquent'anos*, publicado em primeira versão, em 1940, e posteriormente refundido em 1944. Sexta coletânea de Manuel Bandeira, *Lira dos Cinquent'anos* representa, pela qualidade estética, a parte mais densa da poética bandeiriana, espécie de simetria de toda a obra. Pretende-se, assim, trazer à luz o reflexo da tonalidade geral do veio penumbrista no poema *Última canção do beco*.*

Palavras-chave. *Manuel Bandeira; Lira dos Cinquent'anos; Penumbrismo.*

Manuel Bandeira: a perplexidade crepuscular

Ao longo da história literária a escola simbolista representa uma espécie de nascente propícia de muitas das tendências poéticas do século XX. A exemplo da fertilidade poética produzida neste período encontram-se nomes representativos de poetas como Mallarmé, Rimbaud e Verlaine.

Entendido como o limiar das inovações modernistas, o Simbolismo atingiu uma posição evolutiva, estendendo-se até o século XX com influências ressonantes. Ao transmitir uma postura de inquietação por meio do símbolo-imagem, o período resulta

na exploração de temas que vão desde os aspectos mórbidos até a reflexão do destino humano. Enquadrando-se nessa atmosfera, surge o chamado Penumbrismo ou Crepuscularismo, traduzindo parte da produção poética da segunda década do século XX.

Denominação dada pelo escritor Ronald de Carvalho, o Penumbrismo tem como limite a transição entre Simbolismo e Modernismo, caracterizando-se muito mais como uma tendência do que como um grupo ou escola literária propriamente dita. Na visão de Norma Goldstein, tal tendência determina-se por “[...] uma melancolia agri-doce, pelos temas ligados ao quotidiano, por uma morbidez velada — atitude doentia de perplexidade em face do progresso e da técnica, traduzida, no plano afetivo por uma atenuação dos sentimentos” (GOLDSTEIN, 1983, p. 5).

Em linhas gerais o poema penumbrista atua de forma intimista por meio da desarticulação dos versos e pela liberação do ritmo. Desta forma, o poema guia-se rumo ao verso livre, tocando cada vez mais na temática cotidiana, ambos aspectos vitais do período modernista. Conforme observa o crítico italiano Alfonso Berardinelli, “tocar as fronteiras da poesia, deslocá-las e forçá-las se torna necessário para sair de sistemas estilísticos que tendem ao fechamento” (BERARDINELLI, 2007, p. 184).

A observação de Berardinelli encontra ressonâncias com o estudo aqui percorrido, uma vez que a poética de Manuel Bandeira revela aspectos inusitados dentro do quadro da Literatura Brasileira, fugindo de todo e qualquer fechamento, destacando-se como uma poesia de múltiplos enquadramentos e classificações, deixando por vezes estanques diversas características atribuídas à sua obra.

A poesia de Manuel Bandeira percorre uma forma inovadora de refletir o passado e o cotidiano, constituindo-se como um modo peculiar de se pensar o Modernismo. Em sua trajetória poética, Bandeira alcançou um status de depuração poética poucas vezes presente em outros poetas, fruto de um esmero contínuo a favor da linguagem, como bem observa Davi Arrigucci: “[...] a descoberta da poesia nas palavras, o estudo dos princípios de construção do verso tradicional; a aquisição penosa do verso livre; os contactos com a música e as artes plásticas” (Arrigucci, 1990, p.135).

Assim, confirmando a qualidade do consagrado poeta que foi Manuel Bandeira, este estudo procurará percorrer o poema *Última canção do Beco*, pertencente à coletânea de *Lira dos Cinquent’anos*, de 1940, salientando a herança penumbrista das primeiras obras de Bandeira (*A cinza das horas*; *Carnaval*; *Ritmo dissoluto*) acompanhando sobretudo o olhar crepuscular do eu-lírico detido na contemplação das lembranças do “beco”.

Última canção do Beco: heranças penumbristas

O poema *Última Canção do Beco*, de Manuel Bandeira apresenta estrofação regular, com sete versos, os quais comportam sete sílabas métricas. Tais versos são predominantemente versos livres, ora com rimas nasais, muito usadas pelos crepusculares, as quais exemplificamos com a primeira estrofe, como segue: “cantei”, “mentais”, “minhas”, “também”, “nunca”. Ora, em menor frequência, há rimas regulares, como: “amanhãs e “manhãs, na 3ª estrofe do poema:

Beco que cantei num dístico
Cheio de elipses mentais,
Beco das minhas tristezas,
Das minhas perplexidades
[...]

Beco de sarças de fogo,
De paixões sem amanhã,
Quanta luz mediterrânea
No esplendor da adolescência
Não recolheu nestas pedras
O orvalho das madrugadas,
A pureza das manhãs!

No que diz respeito à estrutura rítmica, podemos dizer que é irregular, já que a acentuação das sílabas tônicas se alterna de um verso para o outro, quebrando assim a regularidade da cesura sempre nas mesmas sílabas. No primeiro verso, a tônica recai sobre a 1ª sílaba métrica, a 5ª e a 7ª. Porém, no segundo verso, já recai na 1ª, 4ª e 7ª.

No terceiro verso, o acento recai sobre a 1ª, 4ª e 7ª novamente, o que causa um efeito de possível constância. Mas, no verso seguinte, já alterna o acento tônico, nas 2ª, 5ª e 7ª. Há inclusive o uso de “enjambement” do quarto para o quinto verso.

Essas alternâncias no ritmo seguem ao longo de todo o poema. Conforme afirma Antonio Candido, com o Modernismo houve uma “dessonorização da poesia”, entendida como “uma diminuição dos efeitos sonoros regulares, ostensivos e evidentes, não a sonoridade de cada palavra; a busca de um som de prosa, inclusive com a supressão da rima, a quebra da regularidade rítmica, etc.” (CANDIDO, 1996, p.26-42).

Essa característica de irregularidade na forma do poema não é feita ao acaso. Pelo contrário, vem ao encontro de sua construção semântica, uma vez que o eu-lírico apresenta uma vaguidão de sentimentos e relatos, de forma a se aproximar do prosaico: Nessa primeira estrofe, percebemos que serão cantadas/narradas as tristezas, mas também os amores e os sonhos durante a vida do eu-lírico:

Beco que cantei num dístico
Cheio de elipses mentais,
Beco das minhas tristezas,
Das minhas perplexidades
(Mas também dos meus amores,
Dos meus beijos, dos meus sonhos),
Adeus para nunca mais!

No último verso dessa estrofe, o eu-poético lança uma espécie de desabafo nas palavras de despedida, seguidas pelo ponto de exclamação. Esse mesmo verso é repetido no final do poema, como um paralelismo que marca o início e o desfecho da “canção do beco”. O poema traz as lembranças dos momentos vividos no beco, local este que o eu-poético mesmo assume como símbolo da sua vida, por meio de uma comparação explícita:

Beco que nasceste à sombra
De paredes conventuais,
És como a vida, que é santa
Pesar de todas as quedas.
[...]

A partir desta resignificação da vida, como um beco escuro, cheio de “elipses mentais” e ao mesmo tempo um beco de alegrias, o eu-poético vai tecendo uma reflexão sobre sua existência, também deixando expresso, nas palavras, sua despedida da vida:

[...]

Por isso te amei constante
E canto para dizer-te
Adeus para nunca mais!

Desse modo, *Última canção do beco* constitui a última canção da vida, um balanço do eu-poético em relação ao que realizou. O poema possui um sentimento penumbrista de tristeza e, ao mesmo tempo, de memória do passado que não foi apenas ruim, mas que teve também alegrias, embora estas últimas sejam ‘cantadas’ com nostalgia:

Beco de sarças de fogo,
De paixões sem amanhã,
Quanta luz mediterrânea
No esplendor da adolescência
Não recolheu nestas pedras
O orvalho das madrugadas,
A pureza das manhãs!

A rememoração do passado é construída apresentando como pano de fundo a reflexão sobre a condição humana, característica essa que Manuel Bandeira tratou particularmente, diferenciando-se dos outros crepusculares que enfatizavam os acontecimentos cotidianos (GOLDSTEIN, 1983, p.119).

Última canção do beco é poema dotado de sentimento de transcendência do cotidiano rumo ao existencialismo, fator que caracteriza Manuel Bandeira como um crepuscular diferenciado.

Há uma ambiguidade do eu-poético em cantar a vida, ao mesmo tempo celebrando a chegada da morte: “Adeus para nunca mais!”. Esse sentimento lírico é característico do primeiro Bandeira, poeta penumbrista, a partir do momento que constrói uma reflexão existencialista, calcando-se na dialética de vida e morte, ao deixar um tom permanente de desesperança diante do destino inexorável da morte. O eu-lírico fica, portanto, no ponto dialético entre dois sentimentos, o alívio da morte e o amor pela vida.

O alívio da morte, porque será possível manter o “quarto” do eu-poético “suspenso no ar”, destinado a “ficar na eternidade”, não mais “como forma imperfeita” em um “mundo de aparências”. Além disso, o eu-lírico demonstra o alívio da morte quando canta a pobreza em que viveu:

Beco das minhas tristezas.
Não me envergonhei de ti!
[...]
E eras só de pobres quando,
Pobre, vim morar aqui.”

Todo o tom antitético promove no texto bandeiriano a reflexão existencial do eu-lírico, perpassando a forma do poema e extravasando-a como um chamado para a reflexão do leitor. Há aqui uma transfiguração do cotidiano, a partir de uma tensão

presente na existência humana do eu-lírico dialético e ambíguo. Tal ambiguidade causa um efeito irônico, próprio do Bandeira modernista.

A antepenúltima estrofe exemplifica a ironia com que é relatado o cotidiano no bairro da Lapa, por meio de uma contraposição entre os termos “pecais” e “angelicais” e outras palavras pertencentes a campos semânticos opostos, tais como a religiosidade: “sinos”, “voz que anunciava a Conceição de Maria”, “graças angelicais” e o paganismo: “desterro”, “pecais”.

Todavia o que acentua a ironia é a inversão antifrástica em que o bairro da Lapa surge personificado e anuncia o seu pecado na voz dos sinos, dos quais são esperadas as anúncias das graças e não dos pecados:

Lapa – Lapa do Desterro -,
Lapa que tanto pecais!
(Mas quando bate seis horas,
Na primeira voz dos sinos,
Como na voz que anunciava
A conceição de Maria,
Que graças angelicais!)

Considerações Finais

Ao longo das discussões apontadas até aqui, o presente artigo propõe alguns dados reflexivos, longe de conclusões finais. A leitura realizada acerca do poema *Última canção do beco*, de Manuel Bandeira, poderá suscitar novas leituras que com esta possam dialogar.

Por meio do exame do poema *Última canção do beco*, procuramos enfatizar a herança penumbriada ou crepuscular latente em *Lira dos Cinquent’anos*, de Manuel Bandeira. A leitura aqui exposta salientou como o chamado Penumbriado contribuiu para clarificar a evolução da poesia de Bandeira, preparando um terreno propício para as inovações modernistas.

É sabido que a crítica sobre a obra bandeiriana, especialmente o conhecido estudo de Norma Goldstein aqui supracitado, considerou como penumbriados os livros do primeiro Bandeira, delimitando tais aspectos com as publicações de *A cinza das horas*; *Carnaval* e *Ritmo dissoluto*. No entanto, a trajetória poética de Manuel Bandeira ultrapassa, como vimos, toda e qualquer delimitação, fugindo de fechamentos. Assim, foi possível observarmos interessantes resquícios penumbriados presentes no olhar do eu-lírico de *Última canção do beco*.

Como o próprio poeta escreveu em *Itinerário de Pasárgada*, a coletânea *Lira dos Cinquent’anos* teve de ser feita em dois meses, “para que os acadêmicos tomassem conhecimento da minha poesia” (BANDEIRA, 1957, p.107), em virtude de sua candidatura à Academia Brasileira de Letras. No mesmo livro de memórias literárias, Bandeira fala sobre a natureza de *Última canção do beco*: “é o melhor poema para exemplificar como em minha poesia quase tudo resulta de um jogo de intuições. Não faço poesia quando quero e sim quando ela, poesia, quer [...]. De repente a emoção se ritmou em redondilhas, escrevi a primeira estrofe [...]” (Ibid., p. 109).

Embora contenha traços, sem dúvida, modernistas, o poema carrega heranças penumbriadas, a partir do momento em que trata do cotidiano, mas o transcende, com um lirismo de “inquietação metafísica e de busca” (GOLDSTEIN, 1983, p.5). O eu-poético mergulha na reflexão acerca da condição humana, apresentando a transfiguração do cotidiano, tema tão peculiarmente tratado por Manuel Bandeira.

Conciliando tradição e vanguardismo, Manuel Bandeira pratica no poema de *Lira dos Cinquent'anos* a coexistência de versos livres, rimas e versos brancos. A temática revela-se em sua multiplicidade, em identificação com vida e canto.

Conforme observa Goldstein, em Manuel Bandeira “a vida em todos os seus aspectos é sentida, sofrida, meditada. Depois, transformada em canto” (GOLDSTEIN, 1983, p. 174). Junto a esta intensidade de sentimentos ouvimos o chamado, transformando-se numa espécie canto do eu-lírico de *Última canção do beco*.

Referências

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. *Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1957.

_____. *Última Canção do Beco*. In: _____. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p.123-124

BERARDINELLI, Alfonso. Poesia e gênero lírico: vicissitudes pós-modernas. In: _____. *Da poesia à prosa*. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 175-190.

CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema*. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 1996.

GOLDSTEIN, Norma. *Do penumbrismo ao Modernismo: o primeiro Bandeira e outros poetas significativos*. São Paulo: Ática, 1983 (Ensaio, 95).